

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁGIO DE VIVÊNCIA DESENVOLVIDO PELO CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UFSC

Paulo Gondim⁴⁰

Os desafios que a Ciência Agrônoma deve enfrentar no processo de desenvolvimento auto-sustentado implica que profissionais ligados à produção tenham um preparo cada vez mais aprimorado. Alia-se a este fato a definição da USFC, aprovada pela Assembléia Universitária Estatuínte, qual seja: *"A UFSC tem por finalidade produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e defesa da qualidade de vida"*. Estas duas linhas de raciocínio impõe à Universidade a adoção de novas metodologias pedagógicas.

Esta situação exige a formação de profissionais com uma visão clara e objetiva do meio social e físico onde irão atuar, já que a Universidade tem como pretensão uma profunda integração com a sociedade, que lhe é matriz.

Dessa situação surge como decorrência o emprego da metodologia pedagógica Estágio de Vivência. Esta metodologia pedagógica implica a passagem do aluno, durante seu curso, por um período de convivência com produtores, suas famílias, suas comunidades, com todos seus problemas, aspirações e uma intensa relação com o meio físico onde é realizada a ação.

Esta vivência não só irá colaborar com a formação técnico-científica dos estudantes, pois permitirá a problematização de realidades concretas, como também desenvolverá no aluno seu senso crítico.

As realidades histórico-concretas, entretanto, não se limitam somente ao agricultor e ao meio físico onde este exerce sua ação. Trata-se também de vivenciar ambientes onde outras entidades direta ou indiretamente atuam sobre o meio sócio-econômico.

Com isso a Universidade pretende proporcionar a seus alunos oportunidade para vivenciarem situações reais, tanto de aspectos técnicos como sociais e políticos que mais se aproximem daquelas em que deverão atuar no futuro.

A Universidade, sem sombra de dúvida, é também beneficiada pelos estágios de vivência de seus alunos, pois o estreitamento das relações com a comunidade permite a objetivação da

⁴⁰ PAULO GONDIM. Engenheiro Agrônomo. CREA nº. 1971. 10ª. Região. Professor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC.

pesquisa e o aperfeiçoamento do ensino. A retro-alimentação do sistema educativo permite manter o seu currículo sempre atualizado e em consonância com as reais necessidades da sociedade.

O projeto educativo "estágio de vivência" tem como premissa básica garantir aos alunos os instrumentos necessários à formação de uma consciência crítica que os liberte da fragilidade e impotência diante do poder e da dominação. A resultante desta ação será sem dúvida um indivíduo consciente, crítico, responsável e capaz de orientar suas próprias atitudes.

A auto-avaliação passa a ter um inestimável valor. Quando se adota a metodologia "estágio de vivência", fomenta-se no aluno o exercício de sua capacidade crítica e, para isso, é importante que ele tenha condições não só de criticar o que lhe é externo. Esta capacidade deve voltar-se também para dentro de si mesmo, nas suas relações com o conhecimento e com os outros, através da auto-crítica, da auto-avaliação. Esta vai fazer parte de seu desenvolvimento pessoal.

A auto-avaliação do aluno deve proporcionar uma reflexão mais profunda, um momento de encontro com a realidade, suas fantasias e suas aspirações. É o seu momento de questionamento, de desorganização e reorganização.

Importante é que os resultados dessas auto-avaliações se tornem conscientes, que possam ser utilizados de alguma forma para reorientar ou não sua rota e seu caminho no Curso de Engenharia Agrônômica.

1. Esboço do Trabalho a Ser Desenvolvido Durante o "Estágio de Vivência"

O aluno estagiário deverá procurar se integrar ao máximo com a família e com a comunidade que o está recebendo. Quando denominamos o estágio como de VIVÊNCIA queremos dizer VIDA, e vida traz consigo uma conotação de REALIDADE; quando falamos em estágio como "vivência" estamos querendo destacar a fundamentalidade de seu caráter de integração com a "Realidade".

Quando a Universidade coloca seu aluno integrado à realidade, espera que ocorra um espaço que permita, favoreça e estimule a presença, a discussão, a observação e o enfrentamento de tudo o que constitui o ser, a existência, as evoluções, as transformações, o dinamismo e a força do mundo, do homem, dos grupos humanos, além do íntimo contato com o meio físico onde se desenvolvem as ações.

O Estágio de vivência pretende-se que funcione como um espaço aberto onde o aluno irá se impregnar da realidade do meio onde deverá conviver, devendo trazer para a ACADEMIA esta

ralidade, onde será estudada, trabalhada, desenvolvida e enriquecida através do conhecimento da ciência, retornando ao meio, após esta elaboração.

Não existe maior força motivadora para o aluno do que este encontro com a realidade e a possibilidade de trabalhar esta realidade à luz da ciência na sala de aula e voltar àquela mesma realidade com as mãos cheias de dados novos, contribuições significativas para os problemas que são vivenciados.

Uma vez feita esta caracterização, gostaríamos de comentar a mais importante etapa do processo de estágio-ação, isto é, o processo de inserção do aluno, a coleta da temática geradora do grupo com que se trabalha, a organização do material recolhido junto ao meio social e físico e sua discussão com o grupo e os demais membros da academia.

Provavelmente a inserção é a etapa mais delicada do processo, é o momento no qual o aluno procura atenuar a distância que o separa do grupo social com quem pretende conviver. Esta aproximação, que sempre exige paciência e honestidade, é a condição inicial necessária para que o percurso de estágio possa, de fato, ser realizado dentro do grupo com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos.

Mas é fundamental não alimentar ilusões e otimismo excessivos sobre a qualidade e profundidade dessa inserção do aluno estagiário numa realidade sócio-cultural que quase nunca é a sua. É, sem dúvida, fundamental que o aluno não seja visto como um intruso ou um corpo estranho. O aluno deve tomar muito cuidado para não se iludir com manifestações, apenas afetivas, porém periféricas. O aluno deve esforçar-se para ir sendo, pouco a pouco, aceito pelo grupo. Mas ele precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode ser útil, mas que num determinado momento irá embora.

A verdadeira inserção implica, portanto, uma tensão permanente entre o risco da identificação excessiva do aluno estagiário com a família, protagonista da situação em que está inserido, e a necessidade de manter um recuo que permita uma reflexão crítica sobre a experiência em curso.

É importante que o aluno estagiário procure observar a vida social em movimento da comunidade com que está envolvido, procurando captar a rede de relações sociais que atravessa a comunidade, os problemas que a desafiam e a percepção que a população tem de sua própria situação e de suas possibilidades de mudança.

O aluno estagiário em nenhum momento do seu trabalho deverá se descuidar do meio físico, onde o produtor realiza sua ação (solo, instalações, equipamentos, etc), assim como dos

sistemas de produção envolvidos nos processos agrícolas e pecuários em que o agricultor e sua família estão operando.

Cabe a sutileza do aluno a forma de entrevistar o agricultor, através do qual seja realmente possível captar o que o mesmo pensa e diz ao invés de ouvir como resposta um simples eco de sua própria pergunta. A este propósito os questionários tradicionais não servem de nada. O formato dos questionários formais bloqueia o surgimento de dados novos e inesperados. Quanto mais nos fecharmos dentro de um quadro teórico rígido, mais veremos as respostas se limitarem a confirmar ou desmentir hipóteses falsas ou preconceitos duvidosos.

A técnica do CONVIVER é a mais indicada, a entrevista livre, conduzida como um diálogo franco e aberto, onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, se possível junto ao objeto físico de que está se falando. Por exemplo: que riqueza inimaginável é aprender sobre suinocultura vendo uma porca parir, vendo os pequenos leitões irem procurar as tetas da mãe, sentir a vida na sua máxima expressão, os cuidados que se tem durante o parto, etc. São momentos que se fixam no intelecto do aluno estagiário, não só como enriquecimento de seu conhecimento, mas como forte agente motivador de sua profissão.

2. Roteiro

Devemos lembrar que, além dos aspectos sociológicos a serem percebidos, é importante que o aluno tenha uma visão objetiva do meio físico e dos sistemas de produção empregados pelo produtor com o qual irá estagiar. Na verdade serão estas observações que deverão ser trabalhadas ao longo da fase profissionalizante do curso, realimentando os currículos e servindo de temática a discussões futuras.

Este trabalho não deve ser considerado como um levantamento burocrático da situação do agricultor para uma posterior crítica amorfa. O trabalho de reconhecimento do meio físico e dos sistemas de produção deve representar a realidade do ambiente onde é desenvolvida a ação.

Estes dados técnicos devem ser percebidos em alguns casos pelo aluno estagiário e em sua maioria discutidos em entrevistas livres, concebidas como um diálogo aberto onde o aluno deve estimular a livre expressão da pessoa com quem conversa. A entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um eixo, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. O local da entrevista deve ser escolhido com inteligência; nada melhor para falar sobre a cultura do milho do que no centro de uma lavoura de milho.

Todo o cuidado deve ser tomado pelo aluno ao tentar captar as informações nestas entrevistas livres. Dentro desse campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas

vezes, não é unicamente aquilo que é explícito que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa.

Frequentemente são nessas dobras do discurso que se esconde a ambigüidade e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos do discurso, o “não dito” e o “mal-dito”, por medo, por pudor, por desconfiança, ou porque dizê-lo seria doloroso demais, são tão ou mais importantes que as respostas superficiais.

Como recomendação final lembramos que a naturalidade, a simplicidade, a honestidade, aliadas a inteligência, sem dúvida, serão os instrumentos adequados a condução de um estágio produtivo.

Convém lembrar o que é um ESTÁGIO DE VIVÊNCIA produtivo:

1. É o estágio no qual o aluno se integra com a família que o está recebendo.
2. É o estágio no qual o aluno está motivado e percebe as principais questões que envolvem a família rural e sua inserção no sistema da produção global de alimentos.
3. É o estágio no qual o aluno detecte com clareza e objetividade os reais problemas que envolvem a família rural, sem a preocupação de um diagnóstico, mas com a intenção de um preciso levantamento de dados e situações.
4. É o estágio no qual o aluno conhece o meio físico instrumental onde a família que o recebe exerce sua ação produtiva, tanto na área agrícola como na pecuária.
5. É o estágio no qual o aluno toma conhecimento dos sistemas de produção empregados no processo agrícola e pecuário, sem o espírito de crítica imediata, mas do detalhe minucioso, conseguindo transcrever ordenadamente e metodicamente as várias etapas que constituem estas ações.
6. É o estágio que traz para o seio da Universidade as realidades da sociedade onde esta Universidade está inserida, trabalhando as questões levantadas à luz da ciência e retornando à sociedade como tecnologias adequadas.

3. Itens a Observar

O roteiro a seguir apresentado é composto de alguns tópicos considerados importantes a serem desenvolvidos pelo aluno estagiário. Lembramos que estes tópicos devem ser tomados mais no sentido de um estudo da situação e devem relatar a realidade sem a intenção da crítica. A minúcia deve ser buscada sem a preocupação de juízos sobre o assunto. O trabalho transcende a um levantamento burocrático, que tente descrever a situação do agricultor, devendo ser algo mais elaborado e minucioso, vivido, portanto impregnado de realidade.

É óbvio que este roteiro não tem caráter finalístico, sendo a criatividade perfeitamente aceitável e desejável. Sugere-se que o aluno estagiário adote uma agenda para suas anotações. Convém lembrar que logo após a chegada o aluno fará um relato sucinto de seu estágio aos seus colegas.

Roteiro:

1. Descrição da propriedade.
 - 1.1. Dimensões.
 - 1.1.1. Área utilizada com agricultura
 - 1.1.2. Área utilizada com pecuária
 - 1.1.3. Área com instalações
 - 1.1.4. Área com reflorestamentos (uso desses recursos)
 - 1.1.5. Área com matas nativas (uso desses recursos)
 - 1.1.6. Croqui da propriedade
 - 1.2. Topografia
 - 1.3. Distâncias
 - 1.4. Características do solo (coletar amostras dos solos da propriedade)
 - 1.5. Fontes e mananciais de água
2. Explorações econômicas da propriedade
 - 2.1. Explorações agrícolas
 - 2.1.1. Consumo próprio
 - 2.1.2. Consumo pelo processo pecuário
 - 2.1.3. Comercializáveis (se possível nas três últimas safras)
 - 2.2. Explorações pecuárias
 - 2.2.1. Consumo próprio
 - 2.2.2. Comercializáveis (se possível nas três últimas safras)
 - 2.3. Outras explorações econômicas
3. Descrição sucinta dos sistemas de produção agrícola empregados (por cultura)
 - 3.1. Produtividade da cultura
 - 3.2. Sistema de mobilização do solo
 - 3.3. Épocas de preparo do solo
 - 3.4. Épocas de plantio (fatores condicionantes)
 - 3.5. Densidade da semeadura
 - 3.6. Variedades empregadas e origem das sementes e mudas
 - 3.7. Tratos culturais
 - 3.8. Adubação e calagem
 - 3.9. Pragas
 - 3.10. Doenças
 - 3.11. Controle de pragas e doenças
 - 3.12. Controle de ervas daninhas
 - 3.13. Colheita
 - 3.13.1. Constatação da maturação
 - 3.13.2. Procedimentos durante a colheita
 - 3.13.3. Procedimentos pós-colheita
 - 3.14. Armazenamento
 - 3.15. Comercialização

- 3.15.1. Fonte de comercialização
 - 3.15.2. Conhecimento e levantamento de preços
 - 3.15.3. Pressões recebidas durante a comercialização
 - 3.16. Assistência Técnica
 - 3.17. Mão-de-obra especializada no processo
 - 3.18. Relação dos insumos utilizados no processo
 - 3.19. Condições de manuseio e armazenamento dos insumos
 - 3.20. Nível de satisfação do produtor em relação à atividade
 - 3.21. Como são percebidas as relações entre o sistema utilizado no processo de produção e o meio físico que lhe serve de base
4. Descrição sucinta dos sistemas de produção pecuária empregados (por tipo de atividade)
 - 4.1. Sistemas de aferir a produtividade
 - 4.2. Sistemas de realizar as avaliações econômicas
 - 4.3. Sistemas de aferir a eficiência e a eficácia
 - 4.4. Descrição sucinta das instalações
 - 4.7. Manejo empregado
 - 4.8. Ciclos realizados por ano civil
 - 4.9. Controle sanitário preventivo
 - 4.10. Controle sanitário curativo
 - 4.11. Resultados obtidos em termos de:
 - 4.11.1. Peso de abate
 - 4.11.2. Conversão
 - 4.11.3. Velocidade de ganho de peso
 - 4.12. Custos
 - 4.13. Manutenção das instalações
 - 4.14. Comercialização
 - 4.14.1. Sistema de integração
 - 4.14.2. Formas de comercialização
 - 4.14.3. Conhecimento e levantamento de preços
 - 4.14.4. Pressões recebidas durante a comercialização
 - 4.15. Manejo dos dejetos
 - 4.15.1. Produção dos dejetos
 - 4.15.2. Caracterização dos dejetos
 - 4.15.3. Formas de utilização dos dejetos
 - 4.16. Assistência técnica
 - 4.17. Mão-de-obra mobilizada no processo
 - 4.18. Relação dos insumos utilizados no processo
 - 4.19. Principais problemas que envolvem a atividade
 - 4.20. Como são percebidas as relações entre o sistema de produção e o meio físico que lhe serve de base
 - 4.21. Nível de satisfação do produtor em relação a atividade
5. Manejo ambiental no meio rural
 - 5.1. Como o agricultor percebe as necessidades de um manejo sustentável do sistema produtivo
 - 5.2. Que atitudes/ações o agricultor realiza no sentido da preservação da integridade do meio físico produtivo
 - 5.3. Como o agricultor analisa sistemas e processos com relação a preservação do meio físico produtivo
 - 5.4. Como o agricultor percebe a degradação do meio físico em que está envolvido

- 5.5. Como são avaliados sistemas e processos em suas relações com o meio físico (solo, água, atmosfera)
 6. Aspectos sócio-econômicos observados
 - 6.1. Filiação a cooperativas
 - 6.2. Integração com agro-indústrias
 - 6.3. Associação a outras instituições: formas e intensidade de participação em grupos de cooperação agrícola
 - 6.4. Vivências políticas
 - 6.5. Como o agricultor vê a presença do Estado no processo de produção
 - 6.6. Como o agricultor se utiliza do crédito
 - 6.7. O agricultor orienta seus recursos para alguma forma de aplicação financeira
 - 6.8. Distribuição do trabalho no grupo doméstico
 7. Determinantes das decisões
 - 7.1. Como é decidido o que plantar e quando plantar
 - 7.2. Como é decidido o que criar e como é dimensionada a escala
 - 7.3. Que forças interagem nos processos decisórios de uma maneira geral
 - 7.4. Como são selecionadas as fontes de comercialização da produção
 - 7.5. Que pressões atuam no processo de quando vender, como vender e a quem vender
 8. Principais problemas que afetam os agricultores.
 9. Assistência técnica recebida pelo agricultor
 - 9.1. Por parte do aparelho estatal
 - 9.2. Por parte de cooperativas e indústrias
 - 9.3. Por parte de outras instituições
- Observações: Relatar a opinião do agricultor sobre o assunto, principalmente no sentido de eficiência desta assistência técnica.
10. Movimentos sociais em que o agricultor e sua família estão integrados.
 11. Integração estagiário/família/comunidade
 12. Plantas medicinais
 - 12.1 Plantas medicinais utilizadas pela família.
 - 12.2 Relação das plantas com problemas controlados (características farmacológicas e espécies com potencial medicinal) .
 - 12.3 Origem do conhecimento sobre plantas medicinais.
 - 12.4 Propagação e manejo de plantas medicinais.
 13. Problemas ocorridos durante o estágio.
 14. Avaliação
 15. Sugestões
 16. Observações

4. Bibliografia Consultada:

- BENJAMIM, Fernanda Antônia Sobral. **Educação e mudança social: uma tentativa de crítica**. São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1980.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 13 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.
- SANT'ANNA, Flávia Maria; ENRICODE, Dêlcia; ANDRÉ, Lemin Cancelli; TURRA, Clódie Maria Godoy. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11 ed. Porto Alegre: Sagra, 1991.
- SAVIANI, Demerval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1978.
- VEIGA, Ilma Passos de Alencastro et al. **Repensando a didática**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.
- _____. **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papyrus, 1991.

1. A proposta de Conteúdo Programático da Disciplina de Educação Rural para a UFPA

MÓDULO I - INTRODUÇÃO À DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO RURAL

OBJETIVO:

- Conhecer a importância da disciplina na formação do profissional de Educação Agrária;
- Identificar as principais questões sobre a Educação Rural;
- Conhecer e avaliar uma proposta curricular e fundamentar de maneira adequada as decisões.

CONTEÚDO:

1. Introdução: importância da disciplina para a formação profissional.

* Módulo de Educação Rural de Educação Agrária e Educação Rural (UFPA).

"O EEARF é composto de sete disciplinas de base de introdução ao trabalho de educação agrícola: didática de Agronomia, Fundamentos de Educação Rural, História da Educação Rural, Sociologia Rural, Metodologia de Ensino, Metodologia de Avaliação e Metodologia de Planejamento e Avaliação de Projetos de Educação Rural".